

ÉCFRASE DA VILA DE PLÍNIO NA TÚSCIA (PLÍNIO O JOVEM, EPÍSTOLA 5.6)

JOÃO ANGELO OLIVA NETO*

Universidade de São Paulo

Resumo. Na epístola, 5, 6, uma das mais longas do autor, endereçada a Domício Apolinar, Plínio faz a descrição de sua vila na Túscia, por meio da qual procura mostrar ao destinatário que a propriedade não é insalubre, mas muito salutar. Neste breve artigo, antes de apresentar a tradução anotada da epístola em português, aponto como Plínio deliberadamente agencia a écfrase, primeiro como ingrediente da enargia, que é tropo retórico, e depois como tropo poético, isto é, como ingrediente mais característico de poemas épicos heroicos – afamado pelas descrições do escudo de Aquiles (*Iliada* 18.468–613) e do escudo de Eneias (*Eneida* 8.617–718), ambas as quais o autor menciona. A passagem da condição retórica para a condição poética corresponde não apenas à mudança do escopo da descrição – que de persuadir (*mouere*) passa a deleitar (*placere*) – mas também a transformação de um argumento persuasivo em ornamento deleitável. As passagens acarretam outrossim certo elevamento, mesmo momentâneo (justamente no interregno de uma digressão, que enfim toda écfrase épica é) do epistológrafo prosador à potencial condição de poeta épico.

Palavras-chave. Écfrase; enargia; epistolografia; Plínio o Jovem; vila romana; *epos*.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v19i1p181-195

A EPÍSTOLA 5.6¹ DE PLÍNIO É DO ANO 105 D.C, E A VILA QUE DESCREVE ERA situada no que é hoje Santa Fiora sul Colle di Plinio (“Santa Flora sobre a “Colina de Plínio”) no antigo território de *Tifernum Tiberinum*, hoje Città del Castello na Úmbria. No local foram achados tijolos gravados com um selo contendo as letras “CPCS”, que muitíssimo bem podem ser as iniciais de Caio Plínio Cecílio Segundo (*Corpus Inscriptionum Latinorum*, XI, 6689), nosso Plínio o Jovem.

* Livre-docente em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2013), onde leciona na graduação e na pós-graduação junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Agradeço ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa, que possibilitou a confecção deste artigo, integrante de trabalho maior, com a tradução comentada de todas cartas de Plínio, o Jovem.

¹ Artigo recebido em 15.out.2016 e aceito para publicação em 28.dez.2016.

¹ Servi-me do texto fixado por Anne-Marie Guillemin, 1955.

Há duas questões importantes a distinguir: a primeira, de ordem histórica e arqueológica, diz respeito à vila de Plínio, concretamente entendida, que existiu um dia, já não existe mais e tem sido cientificamente estudada, pois que o local é escavado desde 1974. A segunda questão é de ordem retórica (e poética), e diz respeito à descrição textual da vila de Plínio, feita pelo próprio Plínio, o que não significa que não possa ser tomada como documento histórico. A vila de Plínio, que era uma propriedade, constante de um terreno e uma construção, não é a mesma coisa que a descrição da vila, assim como o cachimbo pintado por Magritte não é de fato um cachimbo mas só uma imagem de cachimbo. Magritte dizia que não se podia pitar com aquele cachimbo desenhado, embora se possa afirmar que a imagem do cachimbo guarde relações de semelhança com um cachimbo real. Assim também, a vila e a descrição da vila, não sendo uma e a mesma coisa, hão de guardar semelhança uma com a outra, semelhança cuja precisão não é a matéria aqui, e só se pode estabelecer a partir do cotejo entre a descrição arqueológica e a descrição textual.

Plínio escreve a Domício Apolinar, cônsul em 82 d.C., agradecendo-lhe pelo cuidado que demonstrara quando tentou demover a ele, Plínio, de visitar a própria vila, alegando ser insalubre. O agradecimento é pretexto para uma longa defesa da vila, que assume a forma da descrição, bem entendido, da éfrase, tecnicamente tomada (*epistula quae describit*, “epístola que descreve”, §44). Aqui nos importa que Plínio, ao escrever, deliberadamente deixa claro ter consciência da éfrase como tropo, já não apenas retórico, senão antes como tropo poético. Em outras palavras, Plínio assume a éfrase, primeiro, como elemento de um discurso oratório propriamente dito, o que é obviedade, pois que, sendo Plínio orador, é de esperar que saiba que **éfrase íntegra**, ela mesma, os procedimentos persuasivos da evidência (ou enargia), comentados na anotação (tanto é, que Plínio emprega adrede os termos técnicos da evidência no §44, *oculis tuis subicere*, “pôr diante de teus olhos”); e em segundo lugar Plínio assume a éfrase como tropo poético, isto é, como aquele ingrediente próprio dos poemas épicos, sejam eles guerreiros, como a *Ilíada* e a *Eneida*, sejam eles astronômicos, como os *Fenômenos*, de Arato de Solos, três poemas a que Plínio alude no §43. O caráter poético da éfrase, embora seja, como creio, elemento mais importante, é explicitado na epístola apenas no fim, e isso se deve a um processo de gradação: a epístola, como texto em prosa, guarda mais parentesco com os discursos oratórios do que com poemas épicos. Por isso, a éfrase, que vinha se revelando mais uma vez apenas como o costumeiro tropo de evidência, cuja finalidade primacial é persuasiva (*mouere*), é então no fim relacionada aos poemas épicos: liberta-se, pois, do escopo de persuadir Domício Apolinar a visitar a vila e se manifesta como ornamento para causar deleite (*placere*). O

deleite que a mensagem produz também tem, digamos assim, dois planos. Um é só o prenúncio do deleite que apenas Domício desfrutaria na vila, se entendermos a missiva como mera carta entre duas pessoas privadas, cujo único fim é mostrar que a vila não é insalubre: a finalidade da missiva, como defesa da vila e implícito convite a visitá-la, se esgotaria no momento em que Domício a terminasse de ler. Mas a missiva foi publicada e de mera carta privada que era passou a ser uma obra específica, pertencente a determinado gênero de texto: passou a ser “epístola”, que é exemplar do gênero do diálogo (metade de um diálogo²), e nessa qualidade o objetivo de Plínio é então que a descrição da vila cause deleite, não a só Domício Apolinar, se a pudesse ler publicada, mas ao público leitor da carta publicada, ou seja, da epístola³: para estes – ou poderia dizer-se, para nós, que ainda podemos ler a epístola – a descrição da vila, repito, a imagem da vila, importa mais do que a própria vila, que, como disse, já não há.

Se a écfrase, de tropo retórico, pertencente à evidência, agenciada por oradores para persuadir, é elevada a tropo do epos, agenciado por poetas, para deleitar, é cabível dizer que o epistológrafo Plínio, educado para o ofício na retórica, queira mostrar ao público que pode como que fazer as vezes de poeta épico, pelo menos quanto ao engenho com que faz descrição, isto é, com que pratica écfrase. Plínio é deveras engenhoso porque, assim como as écfra-ses nos poemas épicos são digressivas⁴, assim também é a sua écfrase, como

² Cf. Demétrio de Falero, *De Elocutione* 223–4 (ed. Radermacher 1901): ‘Ἐπεὶ δὲ καὶ ὁ ἐπιστολικὸς χαρακτήρ δέεται ἰσχνότητος, καὶ περὶ αὐτοῦ λέξομεν. Ἀρτέμων μὲν οὖν ὁ τὰς Ἀριστοτέλους ναγράψας ἐπιστολάς φησιν, ὅτι δεῖ ἐν τῷ αὐτῷ τρόπῳ διάλογόν τε γράφειν καὶ ἐπιστολάς· εἶναι γὰρ τὴν ἐπιστολὴν οἷον τὸ ἕτερον μέρος τοῦ διαλόγου. Καὶ λέγει μὲν τι ἴσως, οὐ μὴν ἅπαν· δεῖ γὰρ ὑποκατεσκευάσθαι πῶς μᾶλλον τοῦ διαλόγου τὴν ἐπιστολὴν· ὁ μὲν γὰρ μιμεῖται αὐτοσχεδιάζοντα, ἡ δὲ γράφεται καὶ δῶρον πέμπεται τρόπον τινά. Em tradução minha: “Trataremos do estilo epistolar, já que também deve ser chão. Artemão, editor das epístolas de Aristóteles, diz que a epístola deve ser escrita da mesma maneira que o diálogo, porque a considera como que a metade de um diálogo. Há algo de verdade no que diz, mas não toda a verdade. A epístola deve ser um pouco mais cuidada que o diálogo, pois este imita uma fala não premeditada, enquanto aquela é lavrada por escrito e enviada como um presente.”

³ Não é o caso aqui de discutir a diferença didática que proponho entre carta e epístola antigas, para distinguir as meras missivas das epístolas, que são gênero de discurso. A questão é delicada, porque não há diferenciação nas designações gregas nem nas latinas. Mas, assumida a proposta, estabeleça-se aqui que não é o fato de ser publicada que torna epístola o que era carta, mas sim a intenção de publicar a missiva já quando sua condição era apenas de carta, condição que se pode aferir pelo esmero com que é elaborada. Como exemplo de carta, cito as missivas dos soldados e colonos conservadas em Vindolanda (*Tabulae Vindolandae*), que jamais foram escritas para publicação; como exemplo de carta escrita com a intenção de publicar, lembro a advertência do próprio Plínio, o Jovem, na epístola de abertura do livro (1.1.1), cuja semelhança com o excerto de Demétrio, justamente ao mencionar o esmero, é notável: “Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque”. Em tradução minha: “Com frequência exortaste-me a coligir e publicar, das minhas epístolas, aquelas que escrevi com um pouco mais de esmero.”

⁴ Plínio excetua os *Fenômenos*, de Arato de Solos, §43: “modum tamen [Aratus] seruat. Non enim excursus hic eius, sed opus ipsum est”. Em tradução minha: “porém, [Arato] mantém-se no limite. Isto não é digressão dele, é sua própria matéria”.

faz questão de indicar no §44: *si longior fuero in hoc in quod excessi*, “porém, se me dilatei nesta digressão”. Também revela engenho ao acrescentar justificativa, ausente nos poemas épicos, pela extensão da écfrase, com o argumento de que não é a descrição que é grande, mas sim a vila descrita é que é (§44). Bem que poderia ser apenas um modo modesto de dizer que a propriedade é grande, e abastado o proprietário, mas talvez seja antes um latente entimema, última serena gesta da epístola: tal como grandes feitos reclamam grandes poetas, grandes propriedades reclamam grandes ecfrasistas.



Caius Plinius Domitio Apollinari Suo Salutem

1. Amaui curam et sollicitudinem tuam, quod cum audisses me aestate Tuscos meos petiturum, ne facerem suasisti, dum putas insalubres. 2. Est sane grauis et pestilens ora Tuscorum, quae per litus extenditur; sed hi procul a mari recesserunt, quin etiam Appennino saluberrimo montium subiacent. 3. Atque adeo ut omnem pro me metum ponas, accipe temperiem caeli regionis situm uillae amoenitatem, quae et tibi auditu et mihi relatu iucunda erunt.

4. Caelum est hieme frigidum et gelidum; myrtos oleas quaeque alia adsiduo tepore laetantur, aspernatur ac respuit; laurum tamen patitur atque etiam nitidissimam profert, interdum sed non saepius quam sub urbe nostra necat. 5. Aestatis mira clementia: semper aer spiritu aliquo mouetur, frequentius tamen auras quam uentos habet. 6. Hinc senes multi: uideas auos proauosque iam iuuenum, audias fabulas ueteres sermonesque maiorum, cumque ueneris illo putes alio te saeculo natum.

7. Regionis forma pulcherrima. Imaginare amphitheatrum aliquod immensum, et quale sola rerum natura possit effingere. Lata et diffusa planities montibus cingitur, montes summa sui parte procera nemora et antiqua habent. Frequens ibi et uaria uenatio. 8. Inde caeduae siluae cum ipso monte descendunt. Has inter pingues terrenique colles (neque enim facile usquam saxum etiam si quaeratur occurrit) planissimis campis fertilitate non cedunt, opimamque messem serius tantum, sed non minus percoquunt. 9. Sub his per latus omne uineae porriguntur, unamque faciem longe lateque contexunt; quarum a fine imoque quasi margine arbusta nascuntur. 10. Prata inde campique, campi quos non nisi ingentes boues et fortissima aratra perfringunt: tantis glaebis tenacissimum solum cum primum prosecatur adsurgit, ut nono demum sulco perdometur. 11. Prata florida et gemmea trifolium aliasque herbas teneras semper et molles et quasi nouas alunt. Cuncta enim perennibus riuis nutriuntur; sed ubi aquae plurimum, palus nulla, quia deuexa terra, quidquid liquoris accepit nec ab-

sorbuit, effundit in Tiberim. **12.** Medios ille agros secat nauium patiens omnesque fruges deuehit in urbem, hieme dumtaxat et uere; aestate summittitur immensique fluminis nomen arenti alueo deserit, autumno resumit. **13.** Magnam capies uoluptatem, si hunc regionis situm ex monte prospexeris. Neque enim terras tibi sed formam aliquam ad eximiam pulchritudinem pictam uideberis cernere: ea uarietate, ea descriptione, quocumque inciderint oculi, reficientur.

14. Villa in colle imo sita prospicit quasi ex summo: ita leuiter et sensim cliuo fallente consurgit, ut cum ascendere te non putes, sentias ascendisse. A tergo Appenninum, sed longius habet; accipit ab hoc auras quamlibet sereno et placido die, non tamen acres et immodicas, sed spatio ipso lassas et infractas. **15.** Magna sui parte meridiem spectat aestiuumque solem ab hora sexta, hibernum aliquanto maturius quasi inuitat, in porticum latam et pro modo longam. Multa in hac membra, atrium etiam ex more ueterum.

16. Ante porticum xystus in plurimas species distinctus concisusque buxo; demissus inde pronusque puluinus, cui bestiarum effigies inuicem aduersas buxus inscripsit; acanthus in plano, mollis et paene dixerim liquidus. **17.** Ambit hunc ambulatio pressis uarieque tonsis uiridibus inclusa; ab his gestatio in modum circi, quae buxum multiformem humilesque et retentas manu arbusculas circumit. Omnia maceria muniuntur: hanc gradata buxus operit et subtrahit. **18.** Pratum inde non minus natura quam superiora illa arte uisendum; campi deinde porro multaque alia prata et arbusta.

19. A capite porticus triclinium excurrit; ualuis xystum desinentem et protinus pratum multumque ruris uidet, fenestris hac latus xysti et quod prosilit uillae, hac adiacentis hippodromi nemus comasque prospectat. **20.** Contra mediam fere porticum diaeta paulum recedit, cingit areolam, quae quattuor platanis inumbratur. Inter has marmoreo labro aqua exundat circumiectasque platanos et subiecta platanis leni aspergine fouet. **21.** Est in hac diaeta dormitorium cubiculum quod diem clamorem sonum excludit, iunctaque ei cotidiana amicorumque cenatio: areolam illam, porticus alam eademque omnia quae porticus adspicit. **22.** Est et aliud cubiculum a proxima platano uiride et umbrosum, marmore excultum podio tenus, nec cedit gratiae marmoris ramos insidentesque ramis aues imitata pictura. **23.** Fonticulus in hoc, in fonte crater; circa sipunculi plures miscent iucundissimum murmur.

In cornu porticus amplissimum cubiculum triclinio occurrit; aliis fenestris xystum, aliis despicit pratum, sed ante piscinam, quae fenestris seruit ac subiacet, strepitu uisuque iucunda; **24.** nam ex edito desiliens aqua suscepta marmore albescit. Idem cubiculum hieme tepidissimum, quia plurimo sole perfunditur.

25. Cohæret hypocauston et, si dies nubilus, immisso uapore solis uicem supplet. Inde apodyterium balinei laxum et hilare excipit cella frigida-ria, in qua baptisterium amplum atque opacum. Si natâre latius aut tepidius uelis, in area piscina est, in proximo puteus, ex quo possis rursus adstringi, si paeniteat teporis. 26. Frigidariae cellae conectitur media, cui sol benignissime praesto est; caldariae magis, prominet enim. In hac tres descensiones, duae in sole, tertia a sole longius, a luce non longius. 27. Apodyterio superpositum est sphaeristerium, quod plura genera exercitationis pluresque circulos capit. Non procul a balineo scalae, quae in cryptoporticum ferunt prius ad diaetas tres. Harum alia areolae illi, in qua platani quattuor, alia prato, alia uineis imminet diuersasque caeli partes ut prospectus habet.

28. In summa cryptoporticu cubiculum ex ipsa cryptoporticu excisum, quod hippodromum uineas montes intuetur. Iungitur cubiculum obuuium soli, maxime hiberno. Hinc oritur diaeta, quae uillae hippodromum adnectit. Haec facies, hic usus a fronte. 29. A latere aestiua cryptoporticus in edito posita, quae non adspicere uineas sed tangere uidetur. In media triclinium saluberrimum adflatum ex Appenninis uallibus recipit; post latissimis fenestris uineas, ualuis aequae uineas sed per cryptoporticum quasi admittit. 30. A latere triclinii quod fenestris caret, scalae conuiuio utilia secretiore ambitu suggerunt. In fine cubiculum, cui non minus iucundum prospectum cryptoporticus ipsa quam uineae praebent. Subest cryptoporticus subterraneae similis; aestate incluso frigore riget contentaque aere suo nec desiderat auras nec admittit. 31. Post utramque cryptoporticum, unde triclinium desinit, incipit porticus ante medium diem hiberna, inclinato die aestiua. Hac adeuntur diaetae duae, quarum in altera cubacula quattuor, altera tria ut circumit sol aut sole utuntur aut umbra.

32. Hanc dispositionem amoenitatemque tectorum longe longeque praecedit hippodromus. Medius patescit statimque intrantium oculis totus offertur, platanis circumitur; illae hederæ uestiuntur utque summae suis ita imae alienis frondibus uirent. Hedera truncum et ramos pererrat uicinasque platanos transitu suo copulat. Has buxus interiacet; exteriores buxos circumuenit laurus, umbraeque platanorum suam confert. 33. Rectus hic hippodromi limes in extrema parte hemicyclio frangitur mutaturque faciem: cupressis ambitur et tegitur, densiore umbra opacior nigriorque; interioribus circulis (sunt enim plures) purissimum diem recipit.

34. Inde etiam rosas effert, umbrarumque frigus non ingrato sole distinguit. Finito uario illo multiplicique curuamine recto limiti redditur nec huic uni, nam uiae plures intercedentibus buxis diuiduntur. 35. Alibi pratulum, alibi ipsa buxus interuenit in formas mille descripta, litteras interdum, quae modo nomen domini dicunt modo artificis: alternis metulae surgunt, alternis inserta sunt poma, et in opere urbanissimo subita uelut

inlati ruris imitatio. Medium spatium breuioribus utrimque platanis adornatur. **36.** Post has acanthus hinc inde lubricus et flexuosus, deinde plures figurae pluraque nomina. In capite stibadium candido marmore uite protegitur; uitem quattuor columellae Carystiae subeunt. Ex stibadio aqua uelut expressa cubantium pondere sipunculis effluit, cauato lapide suscipitur, gracili marmore continetur atque ita occulte temperatur, ut impleat nec redundet. **37.** Gustatorium grauiorque cena margini imponitur, leuior naucularum et auium figuris innatans circumit. Contra fons egerit aquam et recipit; nam expulsa in altum in se cadit iunctisque hiatibus et absorbetur et tollitur. E regione stibadii aduersum cubiculum tantum stibadio reddit ornatus, quantum accipit ab illo. **38.** A Marmore splendet, ualuis in uiridia prominet et exit, alia uiridia superioribus inferioribusque fenestris suspicit despicitque. Mox zothecula refugit quasi in cubiculum idem atque aliud. Lectus hic et undique fenestrae, et tamen lumen obscurum umbra premente. **39.** Nam laetissima uitis per omne tectum in culmen nititur et ascendit. Non secus ibi quam in nemore iaceas, imbrem tantum tamquam in nemore non sentias. **40.** Hic quoque fons nascitur simulque subducitur. Sunt locis pluribus disposita sedilia e marmore, quae ambulatione fessos ut cubiculum ipsum iuuant. Fonticuli sedilibus adiacent; per totum hippodromum inducti strepunt riui, et qua manus duxit sequuntur: his nunc illa uiridia, nunc haec, interdum simul omnia lauantur.

Vitasset iam dudum ne uiderer argutior, nisi proposuissem omnes angulos tecum epistula circumire. **41.** Neque enim uerebar ne laboriosum esset legenti tibi, quod uisenti non fuisset, praesertim cum interquiescere, si liberet, depositaque epistula quasi residere saepius posses. Praeterea indulsi amoris meo; amo enim, quae maxima ex parte ipse incohauit aut incohata percolui. **42.** In summa (cur enim non aperiā tibi uel iudicium meum uel errorem?) primum ego officium scriptoris existimo, titulum suum legat atque identidem interroget se quid coeperit scribere, sciatque si materiae immoratur non esse longum, longissimum si aliquid accersit atque attrahit. **43.** Vides quot uersibus Homerus, quot Vergilius arma hic Aeneae Achillis ille describat; breuis tamen uterque est quia facit quod instituit. Vides ut Aratus minutissima etiam sidera consecetur et colligat; modum tamen seruat. Non enim excursus hic eius, sed opus ipsum est.

44. Similiter nos ut “parua magnis”, cum totam uillam oculis tuis subicere conamur, si nihil inductum et quasi deuium loquimur, non epistula quae describit sed uilla quae describitur magna est. Verum illuc unde coepi, ne secundum legem meam iure reprehendar, si longior fuero in hoc in quod excessi.

45. Habes causas cur ego Tuscos meos Tusculanis, Tiburtinis Praenestinisque praeponam. Nam super illa quae rettuli, altius ibi otium et pin-

guius eoque securius: nulla necessitas togae, nemo accersitor ex proximo, placida omnia et quiescentia, quod ipsum salubritati regionis ut purius caelum, ut aer liquidior accedit. Ibi animo, ibi corpore maxime ualeo. 46. Nam studiis animum, uenatu corpus exerceo. Mei quoque nusquam salubrius degunt; usque adhuc certe neminem ex iis quos eduxeram mecum (uenia sit dicto) ibi amisi. Di modo in posterum hoc mihi gaudium, hanc gloriam loco seruent! Vale.



Caio Plínio a Seu Querido Domício Apolinar, Saudações

1. Amei tua preocupação e tua solicitude, porque, tendo ouvido que eu iria à minha vila tusca⁵ no verão, tentaste persuadir-me que não o fizesse, uma vez que a consideras insalubre. 2. É de fato pesado e pestilento o ar da região Tusca, porque se estende pelo litoral; mas minhas terras estão afastadas do mar e a bem dizer situam-se ao pé dos Apeninos, que dentre os montes são os mais salubres. 3. E para que deixes de uma vez de temer por mim, ouve sobre o clima moderado, a posição geográfica da região e a amenidade da vila, detalhes que a ti será agradável ouvir e a mim contar.

4. O clima no inverno é frio e gélido; impede e rejeita mirtos, oliveiras e toda planta que goste de tepidez constante. Porém, aceita o loureiro e até mesmo os produz viçosos mas às vezes mata-os mas não com frequência maior do que nos arredores de Roma. 5. No verão é admirável a amenidade: sempre sopra uma aragem, mas é mais frequente haver brisa do que vento. 6. Por isso, há muitos anciões, veem-se avós, bisavós de pessoas ainda jovens; ouvem-se histórias antigas e conversas entre os mais velhos e, quando vieres, crerás que nasceste no século passado.

7. O aspecto do lugar é belíssimo. Imagina um anfiteatro imenso, tal como só a natureza é capaz de forjar. A planície, larga, espalhada, é cercada de montanhas e nas cimeiras das montanhas há uma floresta elevada e antiga. Lá a caça é frequente e variada. 8. A partir dali, descem madeirais, acompanhando a montanha. Entre elas, fecundas colinas de espesso húmus – pois não é fácil encontrar pedra ainda que procures – não perdem em fertilidade para as campinas mais vastas, e produzem colheita abundante, um pouco tardia, mas não menor. 9. Do sopé das montanhas por toda parte estendem-se vinhedos, que para o lado e para o fundo compõem como um tecido liso; da extremidade oposta delas, como se lhes formasse um debrum, crescem arbustos. 10. A partir dali há prados e campos que só vigorosos bois e fortíssimos arados conseguem sulcar. Em muitas partes

⁵ **vila tusca:** *Tuscos meos*. A Túscia corresponde aqui ao sul da Toscana, no limite com a Úmbria.

da terra, o solo mostra-se muito resistente na primeira vez que é fendido, de modo que só é domado na nona aradura. **11.** Prados floridos, brilhantes como pedras preciosas, alimentam trevos e outras ervas sempre tenras e macias, como se recém-brotadas, pois tudo isso é nutrido por regatos o ano inteiro. Porém, mesmo onde há muita água, não há pântano, porque o terreno inclinado envia ao Tibre toda quantidade de água que recebe e não absorve. **12.** O rio corta ao meio os campos e, sendo navegável, transporta toda produção a Roma, mas só no inverno e na primavera: no verão, o rio se retrai e por causa do assoreamento abandona a fama de “grande rio”, mas no outono recupera-a. **13.** Vai te dar prazer enorme contemplar a região do alto da montanha, pois não te parecerá que distingues terrenos, mas um desenho pintado com extrema beleza: por causa daquela variedade, daquela disposição, os olhos, onde quer que pousem, vão revigorar-se.

14. A vila, situada na base do monte, oferece uma vista como se estivesse no topo. O monte ergue-se tão suave e imperceptivelmente por causa da enganosa inclinação, que, quando pensas que não estás subindo, percebes que já subiste. Às costas, mas ao longe, vês os Apeninos, de onde, mesmo em dia sereno e calmo, recebe ventos, não, porém cortantes e intensos, mas amenos, suavizados pela própria distância. **15.** Na maior parte, a vila é voltada para o sul e desde a hora sexta no verão e pouco mais cedo no inverno convida, por assim dizer, o sol a entrar por um pórtico⁶ largo e igualmente longo que tem muitos recintos e até mesmo um átrio⁷ ao modo antigo.

16. Diante do pórtico estende-se um alameda⁸, dividida em muitos nichos separados por buxos. Um pouco abaixo, uma elevação no terreno possui imagens de animais insculpidas no buxo, voltadas umas às outras; na parte plana, há um acanto delicado, que eu diria ser quase transparente. **17.** Circunda o terraço um passeio⁹ inserido entre arbustos compactos, podados em formatos diversos, ao lado dos quais há uma pista¹⁰ oval, que envolve buxos multiformes e árvores pequenas podadas para manter-se

⁶ **pórtico:** *porticus*. “Passagem guarneçada por uma fileira de colunas, pilastras ou pilares, comumente usada para mostrar um pátio margeado por semelhante adorno” (Ulrich et Quenemoen 2014, 495).

⁷ **átrio:** *atrium*. “O espaço central da domus tradicional romana. Em geral, chega-se a ela através de uma passagem estreita, ou fauces” (Ulrich et Quenemoen 2014, 482).

⁸ **alameda:** *xystus*. É “alameda arborizada e florida; passeio coberto usado para exercícios” (Ulrich et Quenemoen 2014, 500).

⁹ **passeio:** *ambulatio*. “Passeio coberto ou descoberto para caminhar, em geral em forma de terraço ligado a uma vila. O termo *ambulacrum* é tem muitas vezes os mesmos sentidos” (Ulrich et Quenemoen 2014, 481).

¹⁰ **pista:** *gestatio*. *The Oxford Latin Dictionary* (Glare 1990, doravante abreviado OLD), s.v. 1 e 2, abona: “local especialmente construído para cavalgar, ser carregado a cavalo, ou numa liteira ou outro veículo”.

baixas. Tudo é cercado por um muro de tijolos, coberto por buxos empilhados que o subtraem à visão. **18.** O prado que se estende a partir dali merece ser contemplado como coisa da natureza não menos do que o que acabo de descrever o merece por causa da arte. Depois dele há campinas e ao longe muitos outros prados e arbustos.

19. À extremidade do pórtico liga-se o triclinio¹¹, que pelas portas de duplas folhas avista o fundo do terraço e grande parte da campina, e pelas janelas contempla, de um lado, a lateral do terraço e parte da casa que se projeta e, de outro, o bosque do hipódromo e as copas das árvores. **20.** Em frente ao pórtico, quase no meio, há, um pouco recuado, um apartamento¹², que cinge um patiozinho sombreado por quatro plátanos. No meio deles, de uma fontezinha de mármore brota água que, com suaves repingos alenta os plátanos circundantes e as plantas ao pé dos plátanos. **21.** No apartamento há um dormitório imune à luz do sol, ao vozerio, ao barulho, e anexa vem uma sala de jantar para meu uso diário e de meus amigos: de um lado ela dá para aquele pateozinho que mencionei e de outro para a mesma ala do pórtico e tudo que o pórtico fazia. **22.** Há também outro dormitório, sombreado pelo plátano verde adjacente e revestido de mármore até a sacada, e não perde para a beleza do mármore a pintura imitando galhos e passarinhos pousados nos galhos. **23.** Neste dormitório há uma fonte, e na fonte, um reservatório¹³, em torno da qual vários túbulos se combinam para produzir um murmúrio, um barulhinho muito bom.

Do canto do pórtico um amplíssimo dormitório da vila fronteira o triclinio, que por umas janelas contempla o terraço e, por outras, o prado, mas só depois de contemplar a piscina, dominada pelas janelas subjacentes, bem agradável aos olhos e aos ouvidos, **24.** pois, caindo do alto, a água torna-se branca de espuma quando acolhida pelo mármore. O dormitório é perfeitamente aquecido no inverno, inundado que é do sol intenso.

25. Ao lado do dormitório está o hipocausto¹⁴, que em dia nublado substitui o calor do sol pelo do vapor instilado. Em seguida, ao vestiário¹⁵

¹¹ **triclinio:** *triclinium*. “Sala de jantar de uma casa, vila ou palácio romano, assim chamada por causa dos três leitos de jantar (*klinai*) colocados junto às paredes do fundo e da lateral da sala” (Ulrich et Quenemoen 2014, 499).

¹² **apartamento:** *diaeta*. OLD, s.v. 2: “Moradia auxiliar, separada do edifício principal ou similar que ela serve; anexo”; ver 7.5.1, aposentos.

¹³ **reservatório:** *crater*.

¹⁴ **hipocausto:** *hypocauston*. Piso elevado que nos prédios dos banhos públicos ou numa residência acomoda os tubos por onde passa o ar quente que vem do aquecedor do caldário (cf. Ulrich et Quenemoen 2014, 489); ver Vitruvius, *Tratado da Arquitetura* 5.10.2.

¹⁵ **vestiário:** *apodyterium*. Lembro que há em português o próprio termo “apoditério”, abonado pelo *Dicionário da Língua Portuguesa* da Editora Porto. Em grego, ἀποδυτήριον é ligado a ἀποδύειν, “despir-se”.

dos banhos, que é largo e aprazível, segue-se o frigidário¹⁶, no qual há uma banheira¹⁷ ampla ao abrigo do sol. Se quiseses nadar com mais espaço ou mais calor há no pátio uma piscina¹⁸ e em seguida um poço no qual é possível refrescar-se de novo se o calor incomodar.

26. Ao frigidário está ligada um banho intermediário¹⁹ inundado generosamente pelo sol, mas o caldário²⁰ o recebe ainda mais pois projeta-se adiante. Dessas três salas de banho, duas apanham sol e a terceira está afastada do sol, mas não da luz. 27. Sobre o vestiário está o esferistério²¹, que pode receber vários tipos de exercício e vários grupos de jogadores. Não longe dos banhos, há uma escadaria que conduz ao criptopórtico²², mas antes leva a três apartamentos. Uma deles sobranceia aquele pateozinho onde estão os quatro plátanos; outra, o Prado; o terceiro, os vinhedos e este permite contemplar várias regiões do céu.

28. Na extremidade do criptopórtico, há um quarto cujo espaço foi recortado do próprio criptopórtico e ele se volta ao hipódromo, aos vinhedos e às montanhas. Anexo, há outro quarto exposto ao sol, especialmente no inverno. Aqui começa o apartamento que liga o hipódromo à casa. Assim é a fachada, assim é o aspecto da fachada da vila. 29. Na lateral, um criptopórtico, usado verão, está situado no alto e já não parece que contempla os vinhedos, mas que os toca. No centro dele um triclinio recebe o sopro muitíssimo salubre dos vales Apeninos. No fundo, por janelas muito amplas ele praticamente deixa entrar os vinhedos assim como pelas portas duplas, mas aqui passando pelo criptopórtico. 30. Da lateral do triclinio, que não tem janelas, parte uma escada meio escondida, que possibilita trazer o que é necessário a um banquete. Na extremidade do pórtico há um quarto, ao qual o próprio criptopórtico, não menos do que as vinhas, oferece uma vista aprazível. Embaixo dele há outro criptopórtico, semelhante a uma passagem subterrânea. No verão, é glacial, por causa do frio que encerra e, satisfeita com o próprio ar, não deseja nem admite brisas. 31. Atrás dos

¹⁶ **frigidário**: *frigidarium*.

¹⁷ **banheira**: *baptisterium*.

¹⁸ **piscina**: *piscina*. Além deste sentido, que é idêntico ao atual, o termo, ligado a piscis, “peixe”, tem outros: “tanque para peixes, amiúde construído no interior de residências urbanas e de vilas como lago para ornamentar um jardim; [...] ou simplesmente tanque dos encanamentos de água” (Ulrich et Quenemoen 2014, 494).

¹⁹ **banho intermediário**: *cella media*. É o tepidário, cuja temperatura era menor do que a do caldário, porém maior do que a do frigidário, para que o banhista se adaptasse aos poucos à água fria.

²⁰ **caldário**: *cella caldaria*, também chamada *caldarium*. É sala dos banhos quentes.

²¹ **esferistério**: quadra destinado ao jogo da pela ou bola.

²² **criptopórtico**: *cryptoporticus*. “Literalmente ‘pórtico oculto’, amiúde é uma passagem abobadada, iluminada por janelas abertas no alto” (Ulrich et Quenemoen 2014, 486).

dois criptopórticos a partir de onde termina o triclínio, começa o pórtico, que até o meio-dia é frio, mas ao cair do dia é quente. Por ele chega-se a dois apartamentos, dos quais os quatro quartos de um deles e os três de outro, conforme o sol caminha, desfrutam ora do sol, ora da sombra.

32. Esta disposição e amenidade de longe é superada pelo hipódromo. Ele abre-se na parte central e de imediato se oferece aos olhos de quem entra. É circundado de plátanos que, revestidos de hera, verdejam no alto com as próprias folhagens e na base com alheias. A hera sobe errante pelo tronco e pelos galhos, e no caminho abraça os plátanos vizinhos. Entre eles estendem-se buxos. Loureiros circundam os buxos exteriores e à sombra dos plátanos acrescentam a própria sombra. **33.** A pista direita do hipódromo é quebrada na extremidade por uma curva semicircular e muda de aparência: ali é abraçada e coberta por ciprestes, mais negra, escurecida por uma sombra mais densa; nos circuitos internos – pois há vários – recebe luz claríssima.

34. Ali chega a produzir rosas e ameniza o frio das sombras por um sol nada ingrato. Terminada aquela curva variada e múltipla, retorna-se à pista reta, mas não só a ela, pois que é repartida em vários caminhos por buxos que se interpõem. **35.** Em certas partes é o gramado, noutras é o próprio buxo, disposto em mil formas, que se interpõe, às vezes na forma de letras que pronunciam, ora o nome do proprietário, ora o do jardineiro; erguem-se diminutos obeliscos, que se alternam com árvores frutíferas ali plantadas, e em meio a esta obra tão característica da cidade inesperadamente surge a imitação do campo, como que para lá importado. O espaço intermediário de um lado e outro é adornado por plátanos menores. **36.** Atrás deles, aqui, ali há acantos luxuriantes e sinuosos e em seguida mais figuras nos buxos e mais nomes. Na extremidade do circuito um banco semicircular feito de mármore branco é coberto por uma videira sustentada por quatro delgados pilares de mármore vindo de Caristo. Do banco, como que premida pelo peso de quem senta ali, água flui por túbulos e, recolhida pela pedra cavada, retida pelo gracioso mármore, é regulada, sem que se veja como, de tal modo, que o enche sem transbordar. **37.** Aperitivos e ceias mais robustas são dispostas na circunferência externa do aparador da fonte, ao passo que as mais leves flutuam para lá e para cá em vasilhas que figuram pequeninos navios e pássaros. Em frente, uma fonte lança e recolhe a água que, expelida para o alto, cai de volta sobre si mesma e por um par de fendas é absorvida para ser outra vez lançada. Defronte o banco semicircular há um quarto que ornamenta o banco não menos do que é por ele ornamentado. **38.** O mármore o faz brilhar e com portas duplas o quarto avança em direção do verdor e acaba nele. Contempla de cima e de baixo outras partes verdes por janelas superiores e inferiores. Ao lado do quarto, oculta-

se um cubículo, que ao mesmo tempo é parte dele já é outro. O quarto tem uma cama e janelas por toda parte e, no entanto, a luz é pouca sob a sombra envolvente, **39.** pois uma basta videira vai escalando até chegar ao topo do telhado. Descansarias deitado ali não diferentemente do que num bosque, só que sem chuva, como no bosque. **40.** Lá também há uma fonte, cuja água brota e se perde. Em vários locais estão dispostos bancos de mármore que, assim como quartos, aprazem aos que já se cansaram de caminhar. Pequenas fontes adjazem os bancos; por todo hipódromo rumorejam os canais ali cavados, que obedecem a mão que os controla, irrigando ora as áreas verdes de cá, ora as de lá, ora ambas ao mesmo tempo.

Eu já me teria refreado antes para não parecer muito verboso, se não tivesse me proposto na epístola a percorrer contigo todos os recantos da vila. **41.** E não temi que fosse trabalhoso para ti, que lês, o que não seria para quem visitasse, mormente porque podias descansar um pouco se quisesse e, largando a epístola, podias como que parar com mais frequência. Ademais, concedi ao meu afeto, pois amo o que na maior parte eu mesmo iniciei ou o que, depois de começar, aperfeiçoei. **42.** Em suma – por que, pois, não te revelaria minha decisão ou meu erro? – primeiro considero que o primeiro ofício do escritor é ler o título do que escreve e continuamente indagar-se o que de fato começou a escrever para saber que o que escreve não é desmedido se se prende à matéria, mas é desmedido demais se se desvia dela ou traz à força matéria estranha. **43.** Vê com quantos versos Homero, com quantos Virgílio descreve²³, este, as armas de Eneias, aquele as de Aquiles. Ambos são breves porque fazem o que se propuseram fazer. Vê como Arato²⁴ persegue e reúne até mesmo estrelas pequeníssimas; porém, mantém-se no limite. Isto não é digressão dele, é sua própria matéria.

44. De modo semelhante, “para comparar pequenas às grandes coisas²⁵”, quando tento pôr a vila inteira diante de teus olhos²⁶, se nada estra-

²³ **Homero, Virgílio descreve armas:** *Homerus, Vergilius arma describat*. Trata-se das écfraes, descrições do escudo de Aquiles (*Iliada* 18. 468–613) e do escudo de Eneias (*Eneida* 8. 617–718).

²⁴ **Arato:** Arato de Solos (c. 315–240 a.C.) poeta grego helenístico, autor do epos astronômico *Fenômenos* (Φαινόμενα), em que descreve o comportamento das estrelas.

²⁵ **para comparar pequenas às grandes coisas:** *parua magnis*. Alusão a verso de Virgílio (*Geórgicas* 4.176): “si parua licet componere magnis”, “se é lícito comparar pequenas coisas às grandes”.

²⁶ **pôr diante de teus olhos:** *oculis tuis subicere*. São os mesmos termos com que Cícero, Quintiliano e autores dos *Progymnasmata* (exercícios das antigas escolas de retórica) definem a enargia (ἐνάργεια), também chamada evidência (*eudentia*). Restrinjo-me ao autores latinos. Quintiliano, *Instituições Oratórias* 8.3.61: “Ornatum est quod perspicuo ac probabili plus est. Eius primi sunt gradus in eo quod uelis concipiendo et exprimendo; tertius qui haec nitidiora faciat, quod proprie dixeris cultum. Itaque ἐνάργεια, cuius in praeceptis narrationis feci mentionem, quia plus est eudentia uel, ut alii dicunt, repraesentatio quam perspicuitas, et illud patet, hoc se quodam modo ostendit, inter ornamenta ponamus. Magna uirtus res de quibus loquimur clare atque ut cerni uideantur enuntiare.” (“Ornado é algo além do que é claro e aceitável. O primeiro grau do orna-

nho e impertinente falei, não é a epístola que descreve que é longa, mas sim a vila que é descrita. Porém, se me dilatei nesta digressão, para que eu não seja repreendido com justiça segundo minha própria lei, volto ao ponto em que comecei.

45. Tens as razões por que anteponho minha propriedade tusca às propriedades tusculanas, tiburtinas e prenestinas²⁷, pois, além de tudo que disse, lá o ócio é mais intenso, farto e mais livre de preocupações pela seguinte razão: não há nenhuma necessidade de usar a toga, nenhum vizinho manda me chamar, tudo é calmo e relaxante e isso mesmo, tal como o clima mais saudável, tal como o ar mais leve, incrementa a salubridade da região. 46. Lá é máxima minha disposição de corpo e de ânimo, pois exercito o ânimo nos estudos e o corpo na caça. Meus criados igualmente em nenhum outro lugar experimentam salubridade maior; até agora nenhum dos que levei comigo – com perdão da presunção – lá perdi. Que os deuses para sempre conservem para mim este prazer e para o lugar esta glória! Adeus.

mento é o que se quer conceber; o segundo é exprimir o que se concebeu; o terceiro é tornar isso tudo mais brilhante ou, falando em termos próprios, adornado. Assim, entre os ornamentos devo incluir enargia (que mencionei entre os preceitos da narração), porque “evidência”, ou, como outros dizem, “representação”, é mais do que “clareza”, pois clareza é deixar-se ver, ao passo que evidência é exibir-se a si mesmo de algum modo. É grande virtude aquilo de que falamos nós enunciemos claramente e para que pareça visto.”) Quintiliano, *Instituições Oratórias* 9.2.40: “Illa uero, ut ait Cicero, *sub oculis subiectio* tum fieri solet cum res non gesta indicatur sed ut sit gesta ostenditur, nec uniuersa sed per partis: quem locum proximo libro subiecimus euidentiae.” (“Aquele ‘*pôr diante dos olhos*’, como diz Cícero, costuma ocorrer não quando afirmamos que algo ocorreu, mas quando mostramos como ocorreu, e já não só de modo geral, mas em detalhes: no livro anterior a esta figura chamei ‘evidência’.”) Cícero, *Tratado sobre o Orador* 3.53.202: “Nam et commoratio una in re permultum mouet et inlustris explanatio rerumque, quasi gerantur, *sub aspectum* paene *subiectio*; quae et in exponenda re plurimum ualent et ad inlustrandum id, quod exponitur, et ad amplificandum; ut eis, qui audient, illud, quod augebimus, quantum efficere oratio poterit, tantum esse uideatur.” “Demorar numa única matéria comove muito assim como explicar com clareza e quase *pôr* os eventos *diantes dos olhos* como se estivessem acontecendo; tais procedimentos têm muita força na exposição da matéria, na explicação do que é exposto e na amplificação; assim, aquilo que amplificamos parecerá para quem ouve ter a importância que o discurso puder construir.”) Itálicos meus; ver Rodolpho 2012.

²⁷ **propriedades tusculanas, tiburtinas e prenestinas:** *Tusculanis, Tiburtinis Praenestinisque*. Túsculo (atual Frascati), Tíbur (ou Tíbure, atual Tivoli) e Preneste (atual Prenestina), eram cidades do Lácio. Para A. N. Sherwin-White (1985, 329) e Luciano Lenaz (2011, 393), não se deve entender que Plínio possuía propriedades em todos estes lugares, mas que preferia a sua, ainda que menor, àqueles lugares mais afamados, onde Apolinar possuía vilas, segundo Marcial (*Epigramas* 10.30). Plínio, como se lê em 4.6.1, tinha propriedades em três lugares: na Túscia, como esta, na região de Transpado (ao norte do atual rio Pô) e em Laurento, no Lácio.

REFERÊNCIAS

- Guillemin, Anne-Marie, ed. 1955. *Pline le Jeune, Lettres*, tome II. Paris: Les Belles Lettres.
- Glare, P. G. W. 1990. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- Lenaz, Luciano. 2011. *Plínio il Giovane, Lettere ai Familiari*, vol I. Introduzione e commento di Luciano Lenaz; traduzione di Luigi Rusca; testo latino a fronte. (1 ed. 1994.)
- Radermacher, L., ed. 1901. *Demetrii Phalerei qui Dicitur de Elocutione Libellus*. Leipzig: Teubner.
- Rodolpho, Melina. 2012. *Écfrase e Evidência nas Letras Latinas: Doutrina e Práxis*. São Paulo: Humanitas.
- Sherwin-White, A. N. 1985. *The Letters of Pliny, a Historical and Social Commentary*. Oxford: Clarendon Press. (1 ed. 1966.)
- Ulrich, Roger B.; Quenemoen, Caroline K., ed. 2014. *A Companion to Roman Architecture*. Malden (MA) / Oxford (Chichester): Wiley Blackwell.



Abstract. The epistle 5, 6, one of Pliny's longest, addressed to ex-consul Domitius Appollinaris, there is a description, an ekphrasis, of his villa in Tuscia by which Pliny intends to prove that the land is not unhealthy, but rather salubrious. Before the Portuguese translation with notes, I briefly point out the way Pliny deliberately manages ekphrasis, first as the rhetoric trope of euidēntia or enárgeia and then as a poetic trope, i.e., that typical ingredient of hexametric epic poems – whose most notorious examples are the descriptions of Achilles' and Aeneas' shields in the *Iliad* (18. 468–613) and in the *Aeneid* (8. 617–718), both mentioned in the epistle. The transition from rhetoric to poetic level correlates not only to the changing of aim – from the intention of convincing (*mouere*) to the intention of pleasing (*placere*) – but it also correlates the mutation of a persuasive argument into a pleasurable ornament. A final and cumulative result is that Pliny, just for a moment, shows himself as potential epic poet, even if it is in the interregnum of digression, a condition every ekphrasis after all possesses, as he himself states.

Keywords. Ekphrasis; enárgeia; epistolography; Pliny the Younger; Roman villa; epos.